

A poética da inoperosidade e os fluxos por entre coisas

Uma análise do poema *Oratório*

Palavras-chave: Poéticas Materiais, Processos de Criação, Inoperosidade, Fluxos Criativos, André Vallias.

Samuel Otaviano; Esdi/Uerj; Rio de Janeiro, RJ - Brasil;
samuelotaviano@gmail.com;

A combinação de diferentes códigos empreendida em criações multimídia proporciona a constituição de artefatos, de arte ou design, com variadas nuances de significação. Imagens, sons e palavras se entrecruzam em espaços interativos e geram experiências imersivas e multissensoriais. Este artigo busca demonstrar como transcorre o processo criativo em obras dessa natureza por meio da análise do poema *Oratório*, produzido pelo poeta, designer e produtor André Vallias. Trata-se de uma obra multimídia que foi apresentada como projeto para o Prêmio Sergio Motta de Arte e Tecnologia, em 2003. Propomos uma discussão sobre como são evidenciadas as escolhas criativas adotando como princípio o conceito de inoperosidade poética proposto por Agamben (2018) e a noção de malha delineada por Ingold (2012). O objetivo é demonstrar como se revela tanto a resistência na passagem da potência ao ato, quanto as linhas de devir no poema analisado, ou seja, como transcorre a proposta de Vallias na perspectiva destes dois conceitos. Inicialmente é feita uma breve exposição do conceito de inoperosidade de Agamben, trazendo as principais formulações do autor acerca do ato de criação. Na sequência, elencamos a proposta de Ingold para um mundo habitado por coisas em vez de objetos. Ele afirma que as coisas vazam, isto é, estão em constante fluxo com materiais que interagem entre si formando malhas. Após uma apresentação do poema, composto por telas interativas que permitem a navegação do leitor, discutimos como são percebidos os conceitos de inoperosidade e fluxo no poema. Com o intuito de ampliar a compreensão da poética empreendida em *Oratório*, complementamos a discussão com as análises realizadas por Rocha (2016) e Santos (2018). Junto a este delineamento, cabe assinalar que, no pensamento de Vallias, o signo verbal tem uma forma, ou seja, as palavras têm

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

materialidade. A dimensão material da palavra pode estar expressa visualmente, com a forma das letras, ou na distribuição espacial em determinado suporte. Pode também estar materializada em sua dimensão sonora, com ênfases, entonações e ritmos que distinguem a sonoridade. Além disso, a materialidade não ocorre isoladamente, os diferentes códigos cruzam-se em um poema ou em um projeto de design, especialmente em produções digitais e interativas.

Agamben propõe-se a pensar a criação como um ato de resistência, um ato poético, no sentido de “poiein, ‘produzir” (Agamben, 2018, p. 61). Sua definição considera a resistência não apenas como uma reação a algo externo, mas também como uma potência interna. Ela traz em si a capacidade, ou hábito, de não fazer. Em relação ao artista, o autor questiona onde reside nele a potência de não fazer, e afirma que a expressão dessa natureza da arte pode ser entendida segundo a relação entre criação e resistência. Recorrendo à etimologia da palavra “resistir”, ele lembra os significados de deter e reter associados a esta palavra. O ato de criação é, portanto, uma dialética resultante de um princípio contraditório, no qual o indivíduo nega o que lhe é impessoal em benefício da sua marca pessoal. O estilo da obra depende da sua capacidade de revelar a potência criativa no próprio fazer. A potência-de-não não nega a potência e a forma, mas, resistindo, as coloca em destaque. Como resultado da desativação do esquema potência/ato, a potência de-não é a inoperosidade da potência-de.

O autor conclui sua proposição associando a contemplação e a inoperosidade à capacidade humana de abrir possibilidades de existência e se opor à subjugação de um ciclo ininterrupto de tarefas predeterminadas. Dessa maneira, Agamben propõe uma “poética da inoperosidade”, cujo modelo por excelência é a própria poesia. Pois, “o que é, de fato, poesia, se não uma operação na linguagem, que desativa e torna inoperantes funções comunicativas e informativas desta, abrindo-as para um possível novo uso?” (Agamben, 2018, p. 80). Expandindo seu pensamento, o autor considera não só a poesia como também a política e a filosofia a partir da ideia de inoperância, de modo que a atividade humana possa seguir por rumos não estabelecidos.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

O processo criativo, segundo Ingold (2012), vincula-se ao seu conceito de fluxo dentro de um encadeamento de ideias que parte da distinção entre coisa e objeto. A coisa é uma instância de fluxos vitais, imersa na dinâmica cíclica da vida e em constante transformação segundo o meio em que está inserida, ao passo que o objeto é um fato consumado, distinto e apartado do contexto em que se insere. Na relação com o ambiente, segundo a distinção inicial feita por Ingold, o autor elabora o conceito de ambiente sem objetos, na sigla ASO (Ingold, 2012, p. 31). Habitar o mundo é juntar-se ao processo de formação e significa “que o mundo aberto pode ser habitado justamente porque, onde quer que haja vida, a separação da interface entre terra e céu dá lugar à mútua permeabilidade e conectividade” (Ingold, 2012, p. 31–32). A vida é resultante da mistura entre diversas entidades, como o céu, a terra e os seres vivos, em uma relação indissociável.

Ingold se opõe à fixação no agenciamento dos objetos por meio do entendimento das coisas materiais como processos em que a vida ocorre por descarga e vazamento. Equiparando sua conceituação de material com o conceito de “matéria-fluxo” de Deleuze e Guattari, ele propõe o ASO como um mundo de matéria em fluxo, afirmando que “seguir esses materiais é entrar num mundo, por assim dizer, em fervura constante” (Ingold, 2012, p. 35). Em constante ebulição, a criatividade flui em um movimento que traz à tona as coisas. O autor associa esse fluxo à improvisação, que consiste em algo que segue os modos do mundo em consonância com seu desenrolar. O fluxo constante de materiais abre caminho para a improvisação, trazendo as coisas à vida. A criatividade é resultante de um movimento contínuo de trajetórias que se combinam em um emaranhado de materiais. As possibilidades de novas combinações são criadas a partir do entrelaçamento dos fios pelos quais percorrem as coisas.

Oratório é um exemplo de como a criação poética de Vallias tira proveito da linguagem digital, inclusive valendo-se de procedimentos e técnicas próprias do design. A conjugação de imagem, tipografia, som e movimento, além da interação do leitor, cria experiências imersivas capazes de múltiplos processos de significação. Trata-se de uma suíte de poemas em homenagem à cidade do Rio de Janeiro cuja inspiração veio da favela

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

da Rocinha, do Morro do Corcovado e do Sambódromo. A versão online possibilita a navegação por quatro painéis interativos (Figura 1), um no topo à esquerda, com poemas cujos versos remetem à cidade do Rio de Janeiro, outro no topo à direita, com um mapa interativo da cidade e sua topografia, outro abaixo à esquerda com uma composição tipográfica com o nome do poema, e outro ao lado com links para outros poemas que se combinam com imagens topográficas. Vallias cria um ambiente imersivo que transporta o leitor para um lugar em que a cidade se mostra em múltiplas facetas. As palavras “rio”, “logo” e “morro” ganham conotações diferentes na medida em que o Oratório é explorado.

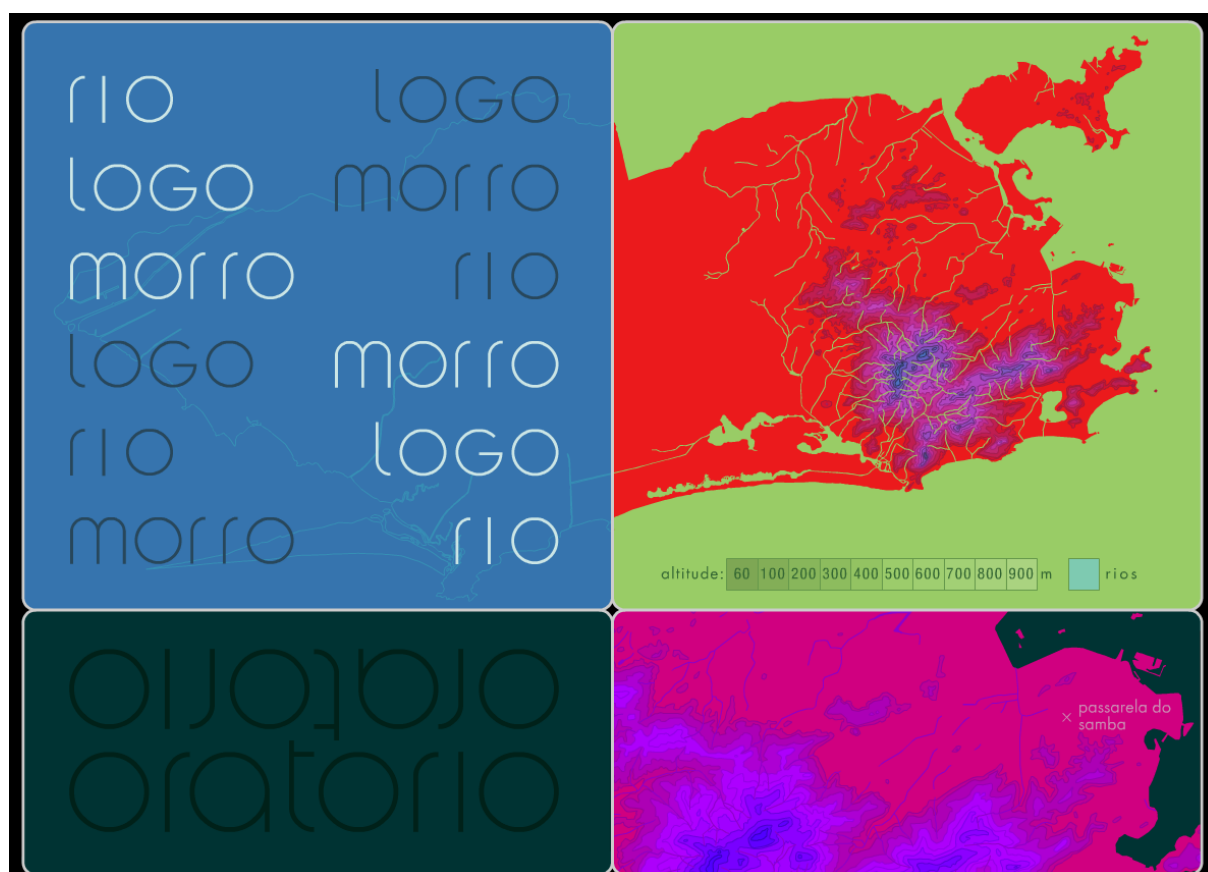


Figura 1 – Tela com os quadrantes principais do poema Oratório

Fonte: Oratório – encantação pelo Rio. Disponível em: <http://www.andrevallias.com/oratorio/>. Acesso em 30 de julho de 2024.

A leitura do poema não é discursiva nem linear, palavras e imagem entrecruzam-se ao longo da tela, onde cada painel funciona como uma janela para experiências imersivas. Por meio da interação e da relação entre códigos verbais, visuais e sonoros, o

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

leitor constrói os sentidos segundo as escolhas e acionamentos que realiza durante a navegação. Ele é convidado a intervir não só na disposição quanto no sentido dos elementos mobilizados por Vallias, pois eles são “matéria em fluxo” (Ingold, 2012, p. 35), instigando-o a segui-los enquanto misturam-se progressivamente, na medida em que avança na interação com o poema. O leitor se vê diante da autorreferência da linguagem poética e seu mecanismo que simultaneamente suspende e expõe a língua, trazendo internamente a potência e a impotência de dizer, conforme Agamben (2018). Vallias não apresenta o poema como uma constelação de símbolos e imagens, mas, tal como na analogia de Ingold com a teia de aranha, cria “condições de possibilidade”. As linhas de devir de Oratório, assim como as linhas-fio da teia “não são, em si, linhas de interação. Se essas linhas são relações, então elas são relações não entre, mas ao longo de” (Ingold, 2012, p. 41 – grifos do autor). As possibilidades são potencializadas com os recursos da linguagem digital, da qual o poeta se vale como ferramenta criativa.

Oratório é um exemplo da convergência entre o modo como Agamben e Ingold enxergam a atividade criativa. Ao “desativar o hábito” (Agamben, 2018), Vallias instaura a dialética em sua obra, tanto pela dualidade de sentido das palavras, quanto pela analogia entre as formas gráficas e versos do poema, e tudo conflui para a linguagem múltipla presente em sua poesia. O leitor é convidado à condição de “co-poeta” (Santos, 2018, p. 163) e constrói os sentidos do poema na medida em que navega pelos fluxos propostos pelo poeta, que, por sua vez, coloca-se não como um narrador costumaz, mas como um agente da trama de sentidos possíveis.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O fogo e o relato: ensaios sobre criação, escrita, arte e livros**. São Paulo: Boitempo, 2018. ISBN 978-85-7559-626-5.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. Horizontes Antropológicos, v. 18, p. 25–44, jun. 2012. ISSN 0104-7183, 1806-9983. DOI 10.1590/S0104-71832012000100002.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

OTAVIANO, Samuel Florensio Rodrigues. **Para além da dimensão verbal: as linguagens do signo tipográfico no design.** 2015. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil, 14 abr. 2015. DOI 10.17771/PUCRio.acad.25599. Disponível em: http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=25599@1. Acesso em: 16 dez. 2022.

ROCHA, Rejane C. **“Monstro esperançoso”: a respeito de Oratório, de André Vallias.** Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 47, p. 157–184, 2016. ISSN 2316-4018. DOI 10.1590/2316-4018478.

SANTOS, José Eduardo Gonçalves dos. **Multiplicidade e complexidade no “oratório” ciberpoético de André Vallias.** Intersemiose, v. 6, n. 9, p. 158–177, 2018. ISSN 2316-316X.

WIESE, Maíra Borges. **A poesia digital de André vallias.** 2012. 115 p. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários e Culturais, na área de especialização em Literatura Comparada – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012.